



Teologia encarnacional: uma reflexão a partir de apontamentos contemporâneos de uma missiologia reformada centrada em Jesus¹

Incarnational theology: a reflection from contemporary notes of a reformed missiology centered on Jesus

Igor Rafael Alves Varela²

Danilo Duarte Costa e Silva³

Thomas Litz⁴

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar a teologia encarnacional, a partir de uma missiologia reformada, como um possível paradigma de fundamentação para a prática missionária da igreja contemporânea. Inicialmente, são apresentados os conceitos dos termos “encarnacional” e “atracional”, com base nas principais publicações eclesiológicas e missiológicas – disponíveis na língua portuguesa – que desenvolvem o tema. Na sequência, é exposta a compreensão fundamental da teologia encarnacional: Jesus Cristo como modelo missionário a ser seguido pela igreja, especialmente em seu ministério terreno. Também são apresentados os principais textos bíblicos utilizados pelos teólogos encarnacionalistas, passagens que se encontram nos Evangelhos, em Atos, nas epístolas paulinas e gerais. Por fim, são evidenciadas as três principais correntes da teologia encarnacional, bem como alguns teólogos que as representam.

Palavras-chave: Igreja encarnacional. Teologia encarnacional. Ministério encarnacional. Missão encarnacional. Jesus como modelo missionário.

Abstract: This paper aims to present incarnational theology, from a reformed missiology, as a possible foundation paradigm for the missionary practice of the contemporary church. Initially, the concepts of the terms *incarnational* and *atractional* are presented, based on the main ecclesiological and missiological publications – available in portuguese – that develop the theme. Next, the fundamental understanding of incarnational theology is exposed: Jesus Christ as a missionary model to be followed by the church, especially in its earthly ministry. Also exposed are the main biblical texts used by incarnational theologians, passages that are found in the Gospels, Acts, Pauline and general epistles. Finally, the three main currents of incarnational theology are highlighted, as well as some theologians who represent them.

¹ Este artigo foi recebido em 30 de novembro de 2021 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 15 de dezembro de 2023.

² Licenciado em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), atualmente é professor do Ensino Fundamental I e II no Núcleo de Educação Criativo (NEC) e voluntários nos projetos de extensão Curso de Musicografia Braille para pessoas com deficiência visual e Curso de Flauta doce para o mesmo público. Atua principalmente nas áreas: Formação de professores, Educação Musical e Educação Especial/Inclusiva

³ Graduado em Engenharia Civil (UNP) e Teologia (EST), especialista em Antropologia da Religião (EST), mestre em Engenharia sanitária com ênfase em Recursos hídricos (UFRN), doutor em Recursos hídricos (UFCEG) e professor da Universidade Federal de Goiás (Goiânia/GO). danieloduarte@ufg.br

⁴ Bacharel em direito (USP), mestre em direito internacional (Universität Tübingen, Alemanha), mestre em Teologia com ênfase em Missões (Columbia International University, USA), diretor do Seminário Juvep (João Pessoa/PB). thomaz.litz@hotmail.com



Keywords: Incarnational church. Incarnational theology. Incarnational ministry. Incarnational mission. Jesus as a missionary model.

Introdução

Os trabalhos acadêmicos desenvolvidos no meio cristão têm sido de grande valia para o crescimento no conhecimento mais específico de cada área de pesquisa, pois, por meio destes, o pesquisador é induzido a buscar cada vez mais um aprofundamento no tema estudado, esquadrinhando e descobrindo referências que normalmente não são tão acessíveis, seja pela ausência de literatura na língua nativa ou pela sua exclusividade em publicações acadêmicas.

Por se tratar de trabalhos cristãos, é de suma importância que seja apresentada uma base bíblica, uma fundamentação teológica que guie, justifique e sirva de motivação para o desenvolvimento dessas pesquisas, pois, como escreve Paulo a Timóteo: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.” (BÍBLIA, 2 Timóteo, 3:16-17. Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada, 1993), e como afirma a Confissão de Fé Batista de Londres de 1689: “A Sagrada Escritura é a única, suficiente, correta e infalível regra de todo conhecimento, de fé e de obediência salvíficos”⁵.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a teologia encarnacional, sob uma perspectiva missiológica reformada, como um possível paradigma de fundamentação para a prática missionária. Para tanto, faz-se necessário responder a algumas questões, tais como: o que é a teologia encarnacional? Qual é o modelo bíblico seguido nessa perspectiva? Em quais textos bíblicos essa teologia encontra amparo? Existe algum tipo de gradação dentro dessa abordagem?

Ao apresentar respostas para essas perguntas, espera-se demonstrar a relevância dessa abordagem para a construção de novos trabalhos acadêmicos na área de missões no Brasil, uma vez que quase não se encontra literatura missiológica e eclesiológica que exponha essa visão de maneira clara em língua portuguesa. Segundo Stetzer e Queiroz⁶, “precisamos escrever mais sobre as nossas realidades eclesiológicas e missiológicas”, pois a grande maioria das publicações sobre

⁵ BATISTAS PARTICULARES INGLESES. **A confissão de fé batista de Londres de 1689**: Um catecismo puritano compilado por C. H. Spurgeon. Tradução de Camila Rebeca Vieira de Almeida Teixeira, William Teixeira Pedrosa, Rafael Junio Abreu. 9. ed. Francisco Morato: O Estandarte de Cristo, 2019. p. 27.

⁶ STETZER, Ed.; QUEIROZ, Sérgio. **Igrejas que transformam o Brasil**: sinais de um movimento revolucionário e inspirador. São Paulo: Mundo Cristão, 2017. p. 48.



igreja a que temos acesso em língua portuguesa são traduções de livros que foram produzidos nos Estados Unidos, de autores como Timothy Keller, George Barna, Peter Wagner e Rick Warren.

Em termos de metodologia, foi usada a abordagem à luz de revisão sistemática, conforme proposta por Cordeiro et al.⁷, tendo como critérios de corte os descritores: 1. Publicação em português; 2. Acessibilidade.

O termo “encarnacional”

O termo “encarnacional” tem sua origem na encarnação de Cristo e ainda é muito pouco conhecido na realidade das igrejas evangélicas e protestantes no contexto brasileiro. A primeira menção à encarnação como um modelo de testemunho cristão em publicações traduzidas para o português encontra-se na obra *O Evangelho e a Cultura: The Willowbank Report*, da série Lausanne, a qual, usando como base o texto de Filipenses 2, apresenta a encarnação de Cristo como exemplo de renúncia de status, independência e imunidade e também como “o exemplo mais espetacular de identificação cultural na história da humanidade”⁸ “sem perda de identidade”⁹.

De maneira geral, o que se sabe no Brasil atualmente é que a palavra “encarnacional” tem sido associada ao movimento missional e utilizada como um modelo de contraponto ao paradigma atracional de igreja. Dessa maneira, faz-se necessário apresentar primeiro o conceito de igreja atracional.

Os autores mais conhecidos pela popularização desses conceitos são o pastor presbiteriano Timothy Keller, em seu livro *Igreja Centrada: Desenvolvendo em sua Cidade um Ministério Equilibrado e Centrado no Evangelho*, e o missiólogo Ed Stetzer, em suas obras *Plantando Igrejas Missionais: Como Plantar Igrejas Bíblicas, Saudáveis e Relevantes à Cultura* e *Desvendando o Código Missional: Tornando-se uma Igreja Missionária na Comunidade*, este último em parceria com o pastor e plantador de igrejas David Putman. Todos os títulos citados foram publicados pela Editora Vida Nova.

⁷ CORDEIRO, Alexander Magno. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. v. 34, n. 6, nov./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLGfPwcmV6Gf/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 5 nov. 2021.

⁸ EVANGELHO E A CULTURA: THE WILLOWBANK REPORT. Tradução de José Gabriel Said. Série Lausanne 3, 3. ed. São Paulo: ABU Editora; Belo Horizonte: Visão Mundial, 1991. p. 25.

⁹ EVANGELHO E A CULTURA: THE WILLOWBANK REPORT, 1991, p. 27.



Tim Keller, ao apresentar a pesquisa de Craig Van Gelder e Dwight Zscheile sobre correntes do diálogo missional, expõe que o paradigma atracional “depende de que não cristãos sejam convidados ou compareçam espontaneamente aos programas e ministérios da igreja, [...] para ouvir a pregação, participar dos programas que preenchem as necessidades que eles acreditam ter ou para assistir a batismos, casamentos e funerais”¹⁰. O autor afirma que, apesar de ainda funcionar em contextos mais tradicionais, o modelo atracional atualmente é considerado obsoleto, e que algumas correntes da igreja missional recomendam a substituição deste por um modelo encarnacional.

Silva concorda com essa perspectiva, afirmando que “a ideia ‘encarnacional’ vai de encontro ao padrão ‘atracional’, caracterizado pela promoção de atividades para atrair as pessoas até à igreja”¹¹.

No entanto, Keller sugere que o equilíbrio deve ser mantido, ratificando que “todas as vozes do diálogo missional concordam que a igreja não deve ser *apenas* atracional”¹², ou seja, não seria uma questão de substituição, mas do uso simultâneo dos dois modelos. Ele acredita ser um problema a tendência de enfatizar excessivamente um formato de igreja em particular, porque “[...] nenhum *formato* específico de igreja é intrinsecamente melhor na produção de frutos espirituais, em alcançar os não salvos, em cuidar das pessoas e em produzir vidas semelhantes a Cristo, [...] cada forma de ver a igreja tem pontos fortes e fracos, limitações e habilidades completamente diferentes”¹³.

Para Ed Stetzer, essa transição faz parte de um processo muito mais complexo, composto por várias mudanças de pensamento consideradas positivas, que ele denomina *transições para o ministério missional*. Essas são mudanças

de programas a processos, do perfil demográfico ao discernimento, de modelos a missões, de atracional a encarnacional, da uniformidade à diversidade, de profissional a apaixonado, de ficar sentado a ser enviado, de conversões a discípulos, do adicional ao exponencial e de monumentos a movimentos¹⁴.

¹⁰ KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 304.

¹¹ SILVA, Danilo Duarte Costa e. **Alcançando os povos não alcançados**: conceitos, estratégias e orientações em missões de curto prazo. Brasília/DF: Editora Palavra, 2019. p. 34.

¹² KELLER, 2014, p. 307.

¹³ KELLER, 2014, p. 315.

¹⁴ STETZER, Ed.; PUTMAN, David. **Desvendando o código missional**: tornando-se uma igreja missionária na comunidade. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 65.



Stetzer define o modelo atracional como o ato de atrair pessoas não crentes à igreja por meio de anúncios eficientes, programas de melhor qualidade e boas estratégias com a intenção de fazer com que a igreja cresça.¹⁵

Quanto ao termo “encarnacional”, percebe-se que esses mesmos autores buscam variadas maneiras de descrever como ele se aplica. Stetzer começa escrevendo que “ser encarnacional em relação à plantação de igrejas é um conceito que chama a atenção para a importância dos relacionamentos na plantação eficaz de igrejas”¹⁶. O autor continua afirmando a importância de ser encarnacional ao dizer que o plantador de igrejas de hoje precisa ter essa característica e que a promoção desse tipo de ministério é um dos dez valores mais frequentemente expressos pelas igrejas pós-modernas de maior impacto.¹⁷ Usando as palavras de Michael Frost, Stetzer escreve que, diferente da igreja atracional, a encarnacional “não cria espaços santificados para os quais o não crente deva vir para ter um encontro com o evangelho”¹⁸, para Ed, missional e encarnacional “são os dois lados da mesma moeda e refletem a comunidade cristã que se desloca tanto para fora (missional) quanto, com maior profundidade (encarnacional), para dentro da cultura”¹⁹.

Keller²⁰ nos apresenta, enquanto características do modelo encarnacional, a criação de comunidades fortes que se reúnem nos lares e se envolvem civilmente com profundidade, ouvindo a vizinhança, interagindo com ela, descobrindo suas necessidades e buscando atendê-las em nome de Cristo, por meio do envio de seus membros para amar e servir. Corroborando com essa descrição, Silva afirma que “no padrão ‘encarnacional’ a base é ir até os perdidos e se relacionar com eles, no seu dia a dia, e a partir disso estabelecer vínculos fortes para a pregação do evangelho”²¹. No quadro abaixo, pode-se comparar os modelos atracional e encarnacional com base na percepção dos autores supracitados:

¹⁵ STETZER, 2018, p. 80.

¹⁶ STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais**: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes a cultura. Tradução de A. G. Mendes. - São Paulo: Vida Nova, 2015. p.16.

¹⁷ STETZER, 2015, p. 177.

¹⁸ STETZER, 2015, p. 212.

¹⁹ STETZER, 2015, p. 216.

²⁰ KELLER, 2014.

²¹ SILVA, 2019, p. 35.

Tabela 1: Igreja atracional/Igreja encarnacional

Igreja atracional	Igreja encarnacional
Contextos mais tradicionais	Contexto contemporâneo
Busca atrair o não crente para o culto	Busca se relacionar com o não crente
Reúne-se no grande templo	Reúne-se nos lares
Crescimento da igreja	Crescimento do reino
Preocupada com a agenda interna	Profundo envolvimento civil
Cria espaços santificados para os quais o não crente deva vir para ter um encontro com o evangelho	A comunidade cristã que se desloca tanto para fora quanto, com maior profundidade, para dentro da cultura

Fonte: adaptado pelo autor

Como se pode perceber, o acervo disponível em língua portuguesa a respeito da palavra “encarnacional”, seja nos escritos de Timothy Keller, Ed Stetzer ou Danilo Silva, concentra-se mais na descrição da prática eclesiológica/missiológica e sua importância para a relevância da igreja local em sua comunidade ou para a plantação eficaz de novas igrejas. Dessa maneira, fica evidente a necessidade de apresentar pressupostos teóricos e textos bíblicos que fundamentem bem e ratifiquem o exercício dessa prática missionária.

Teologia encarnacional

A teologia encarnacional compreende Jesus Cristo, em seu ministério terreno, como modelo missionário a ser seguido pela igreja²² que, capacitada pelo Espírito Santo, é a agente responsável por dar continuidade à obra que Jesus iniciou em sua primeira vinda. O nome “encarnacional” está ligado à encarnação de Jesus, encarada como a maneira suprema, amorosa, humilde e desprendida de se tornar parte da humanidade a fim de salvá-la. A ideia de ser encarnacional é tentar colocar em prática essa identificação com o povo-alvo da missão da igreja Para McElhannon, essa identificação “transcende a cultura material superficial e os papéis comportamentais e se concentra

²² KÖSTENBERGER, Andreas J. **The missions of Jesus and the disciples according to the Fourth Gospel: with implications for the Fourth Gospel’s purpose and the mission of the contemporary church.** Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1998.



nas atitudes subjacentes que devem caracterizar os missionários como servos”²³. Nessa perspectiva, é necessário imitar a Jesus Cristo, porque Ele “é o único exemplo fiel de amor divino em relacionamentos interpessoais e comunicação”²⁴. Paulo, um dos maiores missionários que já existiram, já reconhecia isso: “sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”²⁵ e, como disse Bruce Nicholls, “o modelo missiológico supremo é a encarnação”²⁶.

Köstenberger, ao pesquisar acerca da missão de Jesus e de seus discípulos de acordo com o evangelho de João, afirma que, segundo a visão encarnacional, “a igreja não está apenas representando Jesus, mas o próprio Jesus está trabalhando através de Sua igreja hoje” e isso implica um aparente “foco na continuidade entre a missão de Jesus e a missão da igreja”²⁷. Robert Garrett, escrevendo sobre o mesmo tema que Köstenberger, mas incluindo os evangelhos sinóticos e Atos, diz que

O que Jesus realizou definitivamente na encarnação é continuado pelos Cristãos em quem ele continua a viver. Assim, em um sentido secundário, o milagre da encarnação continua em cada geração por meio do testemunho e ministério dos Cristãos. Talvez seja por isso que o apóstolo Paulo escolheu chamar a igreja de "o corpo de Cristo".²⁸

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”²⁹. Essa declaração a respeito da encarnação foi surpreendente para o público bíblico, nem gregos nem judeus poderiam imaginar esse acontecimento. Carson³⁰ afirma que João não escreve de maneira dúbia, chegando a chocar as pessoas com suas expressões. O dualismo grego preconizava que o ideal era o que é invisível e eterno, e a maioria dos judeus nunca considerou a hipótese de que Deus poderia tornar-se humano;

²³ MCELHANNON, Kenneth. Don't Give up on the Incarnational Model. **Evangelical Missions Quarterly**. v. 27, n. 4, p. 390-395, Out 1991. Disponível em: <<https://missionexus.org/dont-give-up-on-the-incarnational-model/>>. Acesso em: 27 out. 2021

²⁴ LINGENFELTER, Sherwood G.; MAYERS, Marvin K. **Ministering cross-culturally: an incarnational model for personal relationships**. 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

²⁵ BÍBLIA, 1 Coríntios. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada, 1993.

²⁶ NICHOLLS, Bruce. **Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

²⁷ KÖSTENBERGER, 1998, p. 3.

²⁸ GARRETT, Robert. The Gospels and Acts: Jesus the missionary and his missionary followers. In: TERRY, John Mark.; SMITH, Ebbie.; ANDERSON, Justice. **Missiology: an introduction to the foundations, history, and strategies of world missions**. Nashville, Broadman and Holman, 1998. p. 63-82.

²⁹ BÍBLIA, João. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada, 1993.

³⁰ CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira & Vívian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.



simplesmente, isso não fazia sentido para eles³¹. A palavra “habitou” (εσκηνωσεν – *eskenóssen*) significa literalmente que a Palavra acampou, residiu, morou em sua tenda, tabernaculou entre nós. Cristo tornou-se realmente homem, ele conheceu todas as nossas facetas, “embora, sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens”³².

Como apontaram Lingenfelter e Mayers³³, citando Lucas 2:7, é significativo que Cristo veio ao mundo como uma criança indefesa, nascida em uma família humilde e em uma terra subjugada, e não como um adulto já desenvolvido, um especialista ou governante. Os autores ainda nos lembram que Jesus foi um aprendiz: Ele aprendeu a falar com os seus pais, aprendeu a profissão de carpinteiro e estudou as Escrituras como qualquer outro garoto judeu de sua época. Ainda no relato de Lucas sobre a infância de Jesus, em 2:40 e 52, percebe-se que a palavra *πληρουμενον* (*plerumenón* - sendo cheio, sendo repleto), no particípio, subentende um processo contínuo, transmitindo a ideia de aumento de sabedoria³⁴. Essa ideia também encontra apoio em 2:46, no qual o menino Jesus é encontrado no templo “sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas”³⁵.

A ideia aqui é o nível de preparação de Jesus para iniciar sua obra. Como escreveram Lingenfelter e Mayers,

O Filho de Deus estudou a língua, a cultura e o estilo de vida do seu povo durante trinta anos antes de iniciar o seu ministério. Ele sabia tudo sobre suas vidas familiares e problemas. Ele ficou ao lado deles como aprendiz e colega de trabalho. Ele aprendeu a ler e estudar as Escrituras em sua sinagoga local e mereceu respeito até o ponto de as pessoas chamarem ele de Rabbi (mestre). Ele adorou com eles em suas sinagogas e observou a Páscoa anual e outras festas no templo em Jerusalém. Ele se identificou totalmente com aqueles a quem foi enviado, chamando-se Filho do homem.³⁶

Jesus Cristo não era somente 100% Deus (Jo 1:1; Fp 2:6) e 100% homem (Jo 1:14; Fp 2:7), mas também 100% judeu, e assim foi reconhecido pela mulher samaritana em João 4, por seus

³¹ KEENER, Craig. S. João. In: _____. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento.** Tradução de José Gabriel Said e Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 290-373.

³² BÍBLIA, Filipenses. **Bíblia Sagrada:** Almeida Revista e Atualizada, 1993.

³³ LINGENFELTER; MAYERS, 2003, p. 16.

³⁴ CHAMPLIM, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo:** Lucas, João. Volume 2. São Paulo: Editora Candeia, 1995.

³⁵ BÍBLIA, Lucas. **Bíblia Sagrada:** Almeida Revista e Atualizada, 1993.

³⁶ LINGENFELTER; MAYERS, 2003, p. 16-17.



discípulos e pelos líderes judeus³⁷. De fato, o escritor aos Hebreus afirmou a verdade a respeito de Jesus, dizendo que “não temos um sumo sacerdote que não possa se compadecer das nossas fraquezas; pelo contrário, ele foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado”³⁸. O Filho de Deus encarnou para tornar o Pai conhecido: “quem vê a mim vê o Pai”³⁹; “o Filho, que é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu Ser”⁴⁰. Como escreveu Atanásio:

Assim, o Verbo, querendo devidamente socorrer os homens devia residir na terra como homem, tomar corpo semelhante ao deles, e agir através das coisas terrenas, isto é, por obras corporais. Desta forma, os que não haviam querido reconhecê-lo por causa de sua providência e seu domínio universais, reconheceriam pelas obras corporais o Verbo de Deus encarnado, e por ele, o Pai.⁴¹

Para Atanásio, Jesus se fez homem com o objetivo de atrair a humanidade para si e, por meio de suas obras, persuadi-la de sua divindade. Cristo encarnou para revelar a natureza do Pai. Ele o revela pessoalmente, suplementando a revelação natural e a revelação escrita do Antigo Testamento⁴². Fazendo uma teologia bíblica de missões no evangelho de João, Carriker afirma que “os discípulos assumem a missão de Jesus no mundo, [...] portanto, nada menos que a missão de Jesus no mundo serve de modelo para a missão da Igreja”⁴³.

Essa continuidade da missão de Jesus pela Igreja é apresentada de maneira clara no livro de Atos. Em Atos 1, ao se referir ao seu primeiro livro (o Evangelho de Lucas), o autor afirma que relatou todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar⁴⁴, ou seja, o ministério terreno de Cristo, sua missão em prática.

Na sequência do texto, Lucas escreve a respeito das últimas instruções de Jesus aos seus apóstolos, afirmando que, após ressuscitar, Jesus apareceu aos seus discípulos durante um período

³⁷ LINGENFELTER; MAYERS, 2003, p. 17.

³⁸ BÍBLIA, Hebreus. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada, 1993.

³⁹ BÍBLIA, João. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada, 1993.

⁴⁰ BÍBLIA, Hebreus. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada, 1993.

⁴¹ SANTO ATANÁSIO. Contra os pagãos - A encarnação do Verbo - Apologia ao imperador Constâncio - Apologia de sua fuga - Vida e conduta de S. Antão. São Paulo: Paulus, 2002. p. 144.

⁴² CAMPOS, Heber Carlos de. Os propósitos da encarnação. In: _____. **A humilhação do redentor**: encarnação e sofrimento. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 147-185.

⁴³ CARRIKER, Timóteo. As boas novas sobre Jesus: o evangelho de João. In: _____. **O caminho missionário de Deus**: uma teologia bíblica de missões. 2. ed. São Paulo: Editora Sepal, 2000. p. 221-228.

⁴⁴ BÍBLIA, Atos. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada, 1993.



de quarenta dias, falando das coisas concernentes ao Reino de Deus⁴⁵, ou seja, como o Reino de Deus continuaria a ser implantado.

A instrução de Jesus é bem clara: determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai⁴⁶, o envio do Espírito Santo, revestindo a Igreja de poder para a continuidade da missão que Jesus começou. O mesmo Espírito que estava sobre Jesus (Lucas 4:18) habita na Igreja, capacitando-a para o cumprimento da mesma missão.⁴⁷

Todos os relatos bíblicos acerca do que Cristo fez durante seu ministério terreno tornam-se alvos de observação por parte dos encarnacionalistas na busca pela melhor maneira de participar da apresentação do evangelho.

Pode-se averiguar nos textos dos quatro evangelhos que, ao se fazer carne, Jesus nasceu e cresceu em uma cultura específica. Mesmo antes do início de seu ministério, ele se relacionou com sua família, com pessoas de sua religião e com os costumes de seu povo.

Ele escolheu não trabalhar sozinho na inauguração do Reino de Deus, chamando discípulos, ensinando-os e enviando-os em missão. Participou da vida diária dos mais variados tipos de pessoas, comendo com publicanos e pecadores, fariseus e pescadores, participando de pescarias, casamentos e até funerais.

Ele priorizou momentos de oração a sós com seu Pai e momentos de ensino das Escrituras, tanto formais quanto informais, nas sinagogas, em casas e em lugares alternativos. Esteve com as crianças e orou por elas. Contou muitas parábolas, as quais eram baseadas na vida comum das pessoas de seu tempo.

Ajith Fernando⁴⁸, escrevendo sobre Jesus como modelo missionário, considerou 13 passagens *não-paulinas* e 15 referências nas epístolas de Paulo que apresentam Jesus como modelo. O autor divide os textos *não-paulinos* em passagens com afirmações mais generalizadas do princípio (João 17.18 e 20.21; 1 João 2.5,6), passagens sobre *serviço e humildade* (Marcos 10.43-45; Mateus

⁴⁵ BÍBLIA, Atos. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada, 1993.

⁴⁶ BÍBLIA, Atos. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada, 1993.

⁴⁷ GOHEEN, Michael W. **Igreja missional na Bíblia**: luz para as nações. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.

⁴⁸ FERNANDO, Ajith. Jesus: a mensagem e o modelo da missão. In: TAYLOR, William D. **Missiologia global para o século XXI**: a consulta de Foz do Iguaçu. Londrina: Descoberta, 2001. p. 285-306.



20.25-28; João 13.14-17) e sobre *sofrimento e privação* (João 15.12,13; Hebreus 12.2,3 e 13.12,13; 1 João 3.16,17), deixando de fora apenas 1 Pedro 2.19-24, 3.17-18 e 4.1-2.⁴⁹

Nos escritos paulinos, Ajith apresenta uma passagem geral sobre Cristo como nosso modelo (1 Coríntios 11.1), referências sobre perdoar como Jesus perdoou (Efésios 4.32; Colossenses 3.13), sobre mansidão e gentileza (2 Coríntios 10.1 e 11.17), sobre serviço (Romanos 15.7-9; Filipenses 2.5-8) e sobre sofrimento e privação (2 Coríntios 8.8,9; Efésios 5.1,2 e 5.25; 2 Tessalonicenses 3.5), deixando de fora Romanos 15.2-4, Efésios 5.28-29, 1 Tessalonicenses 1.5-6 e 2 Timóteo 2.8. O autor ainda afirma que essas não são as únicas maneiras de ver Cristo como exemplo para os cristãos, mas argumenta que esses seriam os temas principais que deveriam vir à mente quando se pensa em Jesus como modelo missionário.⁵⁰

Correntes da teologia encarnacional

Segundo David Hesselgrave⁵¹, entre os encarnacionalistas, existem pelo menos três visões encarnacionais com interpretações muito diferentes entre si acerca da pessoa de Cristo, do reino e da missão da igreja. São elas: a visão libertária, a holística e a conversionista. O autor afirma que, para avaliar ou compreender de maneira completa a missiologia encarnacional, é necessário ao menos um entendimento básico dessas posições.

Para a visão libertária, ou encarnacionalistas da libertação, Jesus é o grande Libertador e Emancipador. Ao anunciar o reino, Cristo revela a busca por justiça social, o estabelecimento do *shalom*, e a missão da igreja é ser o agente divino de uma revolução sociopolítica.

A base bíblica veterotestamentária é encontrada no êxodo do Egito, nas passagens acerca do Servo Sofredor no livro de Isaías e em outros textos selecionados entre os profetas do Antigo Testamento. No Novo Testamento, a passagem-chave está no evangelho segundo Lucas 4:16-20, em cujo contexto Jesus cita o cumprimento da profecia de Isaías 61:1-3.

⁴⁹ TAYLOR, 2001, p. 288-289.

⁵⁰ TAYLOR, 2001, p. 289-290.

⁵¹ HESSELGRAVE, David J. Incarnationalism and representationalism: who is our missionary model – Jesus or Paul? In: _____. **Paradigms in conflict: 10 key questions in Christian missions today.** Grand Rapids: Kregel Publications, 2005. p. 141-165.



O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, padre da ordem católica de São Domingos (também denominada Dominicana), considerado por muitos o fundador da teologia da libertação, é um representante dessa linha de pensamento.⁵²

Já para os encarnacionalistas holísticos, Jesus é o Transformador, não somente de sociedades e culturas, mas também de indivíduos. Diante disso, os encarnacionalistas holísticos buscam a expansão do reino de Cristo sobre toda a vida e sociedade e entendem como missão hodierna da igreja tudo o que a igreja é enviada ao mundo para fazer.

O nome mais influente dessa visão foi o teólogo inglês e ministro anglicano John Stott. Stott desenvolveu esse pensamento em duas de suas obras: *A Missão Cristã no Mundo Moderno* e *The Contemporary Christian: Applying God's Word to Today's World*.

Essa linha de pensamento tem como objetivo trazer um equilíbrio entre a visão de que a missão principal da igreja é a proclamação da Palavra de Deus e a visão de que o ministério da igreja seria o estabelecimento do *shalom*.⁵³

Após reconhecer que a maioria dos textos da chamada Grande Comissão (Mateus 28:18-20; Marcos 16:15; Lucas 24:45-47; Atos 1:8) dão ênfase ao evangelismo, à pregação, ao testemunho e discipulado, Stott argumenta que “a forma crucial como a Grande Comissão foi entregue a nós (apesar de ser a mais negligenciada, por ser a mais custosa), é a joanina”⁵⁴. João 20:21 é o texto principal para essa visão da teologia encarnacional, e para Stott, nessa passagem, “Jesus fez mais do que traçar um paralelo entre a sua missão e a nossa [...] ele fez de sua missão um *modelo* para a nossa”⁵⁵. Apesar de seguir o modelo encarnacional, John Stott reconhece que o propósito principal da vinda de Jesus foi único. Somente Ele é o Salvador, e não podemos imitá-lo nessas coisas. No entanto, devemos imitar Cristo como servo e nos identificar “com outros assim como ele se identificou conosco, para nos tornarmos vulneráveis assim como ele se tornou”⁵⁶.

Por fim, os conversionistas, ou encarnacionalistas da conversão, enxergam Jesus Cristo como “Messias, Redentor, Senhor e Salvador – tudo isso e mais”⁵⁷. Diferentemente dos holísticos, os

⁵² HESSELGRAVE, 2005, p. 145-146.

⁵³ HESSELGRAVE, 2005, p. 146.

⁵⁴ STOTT, John. Missão. In: _____. **A Missão Cristã no Mundo Moderno**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa, MG: Ultimato, 2010. p. 17-41.

⁵⁵ STOTT, 2010, p. 27.

⁵⁶ STOTT, 2010, p. 29.

⁵⁷ HESSELGRAVE, 2005, p. 147.



conversionistas deixam claro que a missão prioritária da igreja está direta e intimamente ligada aos termos da Palavra de Deus, expressos na maioria dos textos da Grande Comissão, ou seja, no discipulado de todos os povos por meio da pregação do Evangelho, do batismo e do ensinamento da obediência às ordenanças de Jesus.⁵⁸

Ron Rogers, missionário batista no Brasil e professor de missões do *Midwestern Baptist Seminary* em Kansas City, Missouri, representa bem a posição conversionista, argumentando que, entre os termos já utilizados para descrever o processo de introdução do Evangelho em um contexto transcultural, tais como acomodação, identificação e indigenização, o encarnacionalismo é o termo mais bíblico, apesar de o termo contextualização ser o preferido entre os missiólogos. Para Rogers, Jesus é “o modelo por excelência de um ministério missionário verdadeiramente encarnacional”⁵⁹. Hesselgrave considera Rogers “conservador e direto”, avalia sua teologia como sendo “claramente bíblica”⁶⁰ e nos apresenta um resumo de como Rogers desenvolve sua tese em duas etapas:

Primeiro ele expõe as características principais do ministério de Cristo como Deus encarnado: encarnação; auto esvaziamento; humanidade; envolvimento; serviço; sacrifício; e a cruz. Em segundo lugar, ele explica as implicações da encarnação de Cristo para os empreendimentos missionários de hoje sob os títulos de “renúncia,” “identificação,” e “comunicação”⁶¹.

Considerações finais

A teologia encarnacional compreende Cristo como “o modelo da missão”, o trabalho missionário da igreja como “a continuidade da missão de Deus”⁶², que enviou “o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele”⁶³. Nesse sentido, percebemos o quanto a teologia encarnacional nos é necessária para compreender qual deve ser o nosso modo de pensar diante do povo ao qual seremos enviados. Se “a missão de Jesus

⁵⁸ HESSELGRAVE, 2005, p. 147.

⁵⁹ ROGERS, Ron. Why Incarnational Missions Enhances Evangelism Effectiveness. *Journal of Evangelism and Missions*. v. 1, p. 43-58, spring 2002.

⁶⁰ HESSELGRAVE, 2005, p. 148.

⁶¹ HESSELGRAVE, 2005, p. 148.

⁶² LOPES, Hernandes Dias.; CASIMIRO, Arival Dias. Revitalizando a missão. In: _____. *Revitalizando a igreja*. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 97-120.

⁶³ BÍBLIA, João. *Bíblia Sagrada*: Almeida Revista e Atualizada, 1993.



é, de algum modo, um modelo para a nossa missão”⁶⁴, faz-se necessária uma maior reflexão a respeito dessa abordagem missiológica, bem como um esforço para uma maior produção acadêmica com essa temática.

Referências

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada, 1993.

BARNA, George. **O marketing na igreja**: o que nunc lhe disseram sobre o crescimento da igreja. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.

BATISTAS PARTICULARES INGLESES. Sobre as Sagradas Escrituras. In: _____. **A confissão de fé batista de Londres de 1689**: Um catecismo puritano compilado por C. H. Spurgeon. Tradução de Camila Rebeca Vieira de Almeida Teixeira, William Teixeira Pedrosa, Rafael Junio Abreu. 9. ed. Francisco Morato: O Estandarte de Cristo, 2019. p. 27-33

CAMPOS, Heber Carlos de. Os propósitos da encarnação. In: _____. **A humilhação do redentor**: encarnação e sofrimento. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 147-185.

CARRIKER, Timóteo. As boas novas sobre Jesus: o evangelho de João. In: _____. **O caminho missionário de Deus**: uma teologia bíblica de missões. 2. ed. São Paulo: Editora Sepal, 2000. p. 221-228.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira & Vívian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CHAMPLIM, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**: Lucas, João. Volume 2. São Paulo: Editora Candeia, 1995.

CORDEIRO, Alexander Magno. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**. v. 34, n. 6, nov./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLGlpwcmV6Gf/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 5 nov. 2021.

⁶⁴ DEYOUNG, Kevin; GILBERT, Greg. O que Jesus nos envia a fazer no mundo? In: _____. **Qual é a missão da igreja?**: entendendo a justiça social, a Shalom e a grande comissão. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012. p. 35-83.



DEYOUNG, Kevin; GILBERT, Greg. O que Jesus nos envia a fazer no mundo? In: _____.
Qual é a missão da igreja?: entendendo a justiça social, a Shalom e a grande comissão. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012. p. 35-83.

EVANGELHO E A CULTURA: THE WILLOWBANK REPORT. Tradução de José Gabriel Said. Série Lausanne 3, 3. ed. São Paulo: ABU Editora; Belo Horizonte: Visão Mundial, 1991.

FERNANDO, Ajith. Jesus: a mensagem e o modelo da missão. In: TAYLOR, William D.
Missiologia global para o século XXI: a consulta de Foz do Iguaçu. Londrina: Descoberta, 2001. p. 285-306.

GARRETT, Robert. The Gospels and Acts: Jesus the missionary and his missionary followers. In: TERRY, John Mark.; SMITH, Ebbie.; ANDERSON, Justice. **Missiology:** an introduction to the foundations, history, and strategies of world missions. Nashville, Broadman and Holman, 1998. p. 63-82.

GOHEEN, Michael W. **Igreja missional na Bíblia:** luz para as nações. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.

HESSELGRAVE, David J. Incarnationalism and representationalism: who is our missionary model – Jesus or Paul? In: _____. **Paradigms in conflict:** 10 key questions in Christian missions today. Grand Rapids: Kregel Publications, 2005. p. 141-165.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada:** desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KEENER, Craig. S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia:** Novo Testamento. Tradução de José Gabriel Said e Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KÖSTENBERGER, Andreas J. **The missions of Jesus and the disciples according to the Fourth Gospel:** with implications for the Fourth Gospel's purpose and the mission of the contemporary church. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1998.

LINGENFELTER, Sherwood G.; MAYERS, Marvin K. **Ministering cross-culturally:** an incarnational model for personal relationships. 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.



- LOPES, Hernandes Dias.; CASIMIRO, Arival Dias. Revitalizando a missão. In: _____.
Revitalizando a igreja. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 97-120.
- MCELHANNON, Kenneth. Don't Give up on the Incarnational Model. **Evangelical Missions Quarterly.** v. 27, n. 4, p. 390-395, Out 1991. Disponível em: <<https://missionexus.org/dont-give-up-on-the-incarnational-model/>>. Acesso em: 27 out. 2021
- NICHOLLS, Bruce. **Contextualização:** uma teologia do evangelho e cultura. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- ROGERS, Ron. Why Incarnational Missions Enhances Evangelism Effectiveness. **Journal of Evangelism and Missions.** v. 1, p. 43-58, spring 2002.
- SANTO ATANÁSIO. **Contra os pagãos** - A encarnação do Verbo - Apologia ao imperador Constâncio - Apologia de sua fuga - Vida e conduta de S. Antão. São Paulo: Paulus, 2002.
- SILVA, Danilo Duarte Costa e. Como se envolver com a comunidade. In: _____.
Alcançando os povos não alcançados: conceitos, estratégias e orientações em missões de curto prazo. Brasília/DF: Editora Palavra, 2019. p. 33-40.
- STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais:** como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes a cultura. Tradução de A. G. Mendes. - São Paulo: Vida Nova, 2015.
- STETZER, Ed.; PUTMAN, David. **Desvendando o código missional:** tornando-se uma igreja missionária na comunidade. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- STETZER, Ed.; QUEIROZ, Sérgio. Uma nova maneira de medir o sucesso. In: _____.
Igrejas que transformam o Brasil: sinais de um movimento revolucionário e inspirador. São Paulo: Mundo Cristão, 2017. p. 43-61.
- STOTT, John. Missão. In: _____. **A Missão Cristã no Mundo Moderno.** Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa, MG: Ultimato, 2010. p. 17-41.
- WAGNER, Peter. **Estratégias para o crescimento da igreja.** São Paulo: Sepal, 1991.
- WARREN, Rick. **Uma igreja com propósito.** São Paulo: Vida, 1997.